

**UMA ANÁLISE FILOLÓGICA  
DA PRODUÇÃO EPIGRAMÁTICA  
EM *ORFEU BRASÍLICO* (1736)**

Cristina Mascarenhas da Silva (UNESP)

[cris\\_mascarenhas07@hotmail.com](mailto:cris_mascarenhas07@hotmail.com)

Thissiane Fioreto (UNESP)

[thifioreto@yahoo.com.br](mailto:thifioreto@yahoo.com.br)

## **1. Introdução**

O documento *Orfeu Brasílico* (1736), escrito em latim, foi resultado do festejo de comemoração do recebimento do título de venerável por parte do Pe. José de Anchieta, realizado no Colégio Jesuítico da Bahia. Em consonância com as tradições do Brasil Colonial, as composições originalmente surgiram num ato acadêmico, sendo posteriormente aperfeiçoadas pelo Pe. Francisco de Almeida que editou e organizou os versos dos alunos do colégio, saindo a publicação em 1737.

Em 1998, Sebastião Tavares Pinho e equipe reeditaram o opúsculo em formato fac-similar a partir do exemplar encontrado na Biblioteca de Ciências de Lisboa, uma vez que também fora encontrado um livro na Biblioteca Nacional, porém por estar gravemente truncado, o trabalho de crítica textual e edição se deu a partir do exemplar de Lisboa. Portanto, os estudos apresentados neste artigo dão continuidade à investigação de cunho filológico iniciada por Pinho.

Tendo José de Anchieta como objeto do ato acadêmico, os alunos jesuítas escreveram um conjunto de epigramas, inicialmente fixados nas paredes do colégio, e, com a publicação do opúsculo, as composições nesta forma foram seccionadas por *Appendix Poetica* e subseccionada em três linhas – *Linea Prima*, *Linea Secunda* e *Linea Tertia* -, somando 73 composições que correspondem a 85% da obra.

Além da produção epigramática, a obra tem gêneros como o idílio, a oração, a ode, o elogio etc. Sob esse aspecto, é importante ressaltar a influência do pensamento clássico nas formas que integram *Orfeu Brasílico*. Tal orientação regia os escritos da sociedade colonial brasileira, por esse fato, é mister observar as manifestações da tradição clássica neste escrito.

Dessa forma, a investigação que se demonstra pode ser sistemati-

zada como labor da etapa da crítica histórico-literária, que no estudo das circunstâncias situam o texto dentro de um espaço temporal e sob as correntes literárias, filosóficas e políticas do mesmo. (Cf. BASSETTO, 2005, p. 53).

## **2. A importância do gênero epigramático no ato acadêmico José de Anchieta**

Os atos acadêmicos eram festejos públicos realizados em função de celebração de uma figura solene em tom de bajulação, de forma voluntária ou obrigatória (neste caso publicada em documentos oficiais). Realizavam-se sessões literárias, missas, cavalhadas com objetivo laudatório e/ou até mesmo fúnebre. Foi durante o movimento academicista barroco que os atos foram mais proeminentes. (Cf. CASTELLO, 1971).

O *Ratio Studiorum*<sup>94</sup> determinava que em festas de Nossa Senhora ou de algum santo patrono se realizasse uma grande cerimônia, entendida neste contexto como ato acadêmico: “com grande pompa de orações, poesias, versos afixados à parede, variedade de emblemas e insígnias, celebre-se uma festa de Nossa Senhora (ou do Patrono), determinada pelo reitor do Colégio”.

O uso da forma epigramática neste âmbito se adéqua ao tom que a cerimônia exige pelo fato de Anchieta ser uma figura importante na sociedade colonial. A ocasião impôs uma forma altiva, como preconizou Horácio (1997, p. 57), é necessário adequar o gênero aos assuntos.

Dessa forma, a presença majoritária dos epigramas nas composições de *Orfeu Brasileiro* (1736) é um elemento cabal do fundamento clássico subjacente à obra.

A concisão e a agudeza são os traços que predominam no gênero epigramático, ainda que se varie a forma, os temas e a metrificção, esses traços são elementos essenciais nessa composição, conservando sempre o desfecho mordaz. (Cf. MORAES, 1992, p. 36).

Nas palavras de Guillén (2003, p. 4), assim pode ser exemplificada: “El epigrama, se decía ya en tiempos de Marcial, debe ser como una

---

<sup>94</sup> Documento pedagógico da Companhia de Jesus, disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/1\\_Jesuitico/ratio%20studiorum.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/1_Jesuitico/ratio%20studiorum.htm)>. Acesso em: 26-03-2013.

abeja, que es pequeña y produce la dulzura de la miel e deja el escozor del aguijon.”<sup>95</sup>

Com efeito, o epigrama sempre produzirá um juízo, conforme Moraes (*op. cit.*, p. 36), seja ele laudatório, reprovador, moralizante etc.

De forma breve, porém eloquente, acredita-se que os epigramam em *Orfeu Brasílico* (1736) visam a produção de uma imagem de Anchieta que enaltece a ordem religiosa, bem como pode servir de exemplo aos alunos, porque com base em Elias (2001, p. 133), o poder não se institui se não houver etiquetas que o confirme.

### **3. *Pressupostos da poética clássica em Orfeu Brasílico (1736): os epítetos da produção epigramática como elemento de erudição***

O documento *Orfeu Brasílico* (1736) é composto por formas poemáticas da cultura greco-latina, escrito no idioma latino, que notadamente revelam uma preferência pelo valor humanístico. Assim, compreender o registro pautado na *Poética Clássica* é fundamental para uma leitura do seu contexto.

Com efeito, já se adiantou ao abordar a importância da escolha do gênero, um dos conceitos horácianos fundamentais é o do *decoro*. Aliado à forma, é preciso de conteúdo que não arruíne a fábula: “Se um semblante é triste, quadram-lhe as palavras sombrias; se irado, as carregadas de ameaças; se chocarreiro, as joviais; se severo, as graves.” (HORÁCIO, 1997, p. 58).

Logo, tem-se como referência que tange todo o opúsculo, por intitular a obra, a figura mitológica de Orfeu, um dos epítetos de Anchieta, sobre o mesmo, tem-se a seguinte definição:

Contrariamente à maior parte dos heróis da antiguidade, a sua glória não provém do seu vigor físico, mas dos seus dons de poeta e de músico. Os encantamentos da sua voz ou da sua lira [...] seduziam as plantas, amansavam as feras e acalmavam os ânimos dos mortais mais perigosos. (HACQUARD, 1996, p. 225).

Como elemento de decoro, associa-se Anchieta a Orfeu pelo fato de ser reconhecido por suas características intelectuais. Do mesmo modo

---

<sup>95</sup> O epigrama, já se dizia nos tempos de Marcial, deve ser como uma abelha, que é pequena e produz a doçura do mel e deixa a picada do ferrão. [tradução nossa].

que o mito grego tinha a capacidade de *amansar as feras e acalmar os ânimos* tendo como instrumento a sua voz e a sua lira, Anchieta pelo discurso era capaz de catequizar os povos gentios.

No contexto dos epigramas, pode-se enumerar duas inferências a Anchieta que reforçam a propriedade do decoro, são elas: os epítetos de *Touro da América* e *Novo Adão*.

O mito do Touro, Zeus transfigurado, é uma representação alegórica, que de acordo com Koethe (1986, p. 13) se dá no uso de uma figura concreta para explicar um abstração. Assim, o intento do autor é formalizar a ideia de que Anchieta foi o criador de uma nova prole cristã, isto é, converteu os povos indígenas que tivera contato ao cristianismo.

O mesmo ocorre com a alusão à Adão, o mito bíblico cristão de criação do mundo.

Tratam-se, pois, de alusões elevadas à figura de Anchieta, ainda que a comparação com Zeus seja pagã, neste momento ela já fora cristianizada.

Além de estar ligado ao decoro, essas referências alegóricas cumprem a regra da *verossimilhança*, pensada na *Poética* de Aristóteles (1997, p. 28): “É claro, também, pelo que atrás ficou dito, que a obra do poeta não consiste contar o que aconteceu, mas sim coisas que podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade”.

É a regra da *verossimilhança* que afiança a engenhosidade do poeta, haja vista que ela sustem todo esse edifício de referências a figuras mitológicas num discurso cristão. Assim, permite-se que Anchieta seja comparado a divindades como artifício da poesia como atestado de erudição, não como profissão de fé.

Além de cumprir o preceito da verossimilhança, as figuras mitológicas são normas do *maravilhoso*, uma das considerações aristotélicas da *Poética*. Salienta-se que o mesmo recomenda o uso nas tragédias e mais ainda nas epopeias, porém, cabe destacar que no mesmo texto, Aristóteles pontua a ideia de liberdade do poeta. (ARISTÓTELES, 1997, p. 47-48).

Os epítetos expressam não apenas os caracteres do objeto a que se referem, mas o labor do poeta, de acordo com Sobrejano (1956, p. 165), pelo uso dos nomes epítéticos é possível conhecer o estilo do autor:

[...] el género literario que mejor se presta para un estudio estilístico del epíteto es la poesía lírica, por ser este género el que responde mejor a la función expresiva del lenguaje y ser el epíteto un recurso expresivo de lenguaje, acaso el más adecuado para descubrir la personalidad [...] el estilo de un poeta.<sup>96</sup>

Em suma, a presença desse artifício retórico revela o ideal de busca por um ideal de escrita da tradição clássica. E, ao mesmo tempo que há uma preocupação em caracterizar Anchieta como desbravador, fundador de uma nova população cristã que se deu por sua atividade de catequizador.

#### 4. Considerações finais

Ao cabo, considera-se que por meio dos epítetos dirigidos a José de Anchieta há uma busca por um ideal de escrita da *Tradição Clássica*. A inserção de aspectos da Antiguidade como as inferências mitológicas, a escrita no idioma latino, as composições clássicas, corroboram a erudição que a escritura do livro carrega.

Em relação ao objeto do ato acadêmico, identifica-se que os epítetos escolhidos para a análise refletem a imagem de desbravador do continente americano, elevam seu mérito como cristão ao catequizar os nativos indígenas. Por esse fato é tão importante as associações com os mitos de gênese, haja vista que a formação de uma nova prole cristã era de fato algo muito caro à Igreja Católica.

Sublinha-se que este artigo objetivou a apresentar a investigação, em linhas gerais, da produção epigramática do documento *Orfeu Brasílico* (1736) até o presente momento da pesquisa. Pretende-se posteriormente deter-se em um número reduzido de epigramas a fim de se observar como é instituída, em termos horacianos, pela *ut pictura poesis* a imagem do Pe. Anchieta.

Logo, este estudo pode contribuir para a os estudos de historiografia literária, especialmente do período colonial, bem como para estudos da história do Brasil Colonial, devido ao ineditismo da tradução do opúsculo para língua portuguesa e por não haver conhecimento de outro do-

---

<sup>96</sup> O gênero literário que melhor se presta para um estudo estilístico do epíteto é a poesia lírica, por ser este gênero o que responde melhor à função expressiva da linguagem e ser o epíteto um recurso expressivo de linguagem, talvez o mais adequado para descobrir a personalidade [...] o estilo de um poeta. [Tradução nossa].

cumento que registre o ato acadêmico de comemoração do título de venerável conferido a José de Anchieta.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Francisco de. *Orfeu brasílico ou Exímio harmosta do mundo elemental, o venerável Padre José de Anchieta, taumaturgo do novo mundo e apóstolo do Brasil*. Edição fac-similada. Coimbra, 1998.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. v. 1, 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CASTELLO, José Aderaldo. *Manifestações literárias da era colonial*. Vol. I. 3. ed. 2ª reimp. São Paulo: Cultrix, 1975.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e aristocracia de corte*. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GUILLÉN, José. Introducción. In: *Epigramas de Marco Valerio Marcial*. 2. Ed. Zaragoza: Institución Fernando El Católico, 2003, p. 3-46.

HACQUARD, Georges. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Maria Helena Trindade Lopes. S.l, 1996.

MORAES, Carlos Eduardo Mendes de. *A poesia latina de José de Cunha Cardoso na ABE*. 1992. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto – SP.

SILVA, Luciana Aparecida da. (Org.). *O método pedagógico dos jesuítas: O Ratio Studiorum*. Organização e plano de estudos da Companhia de Jesus. Regras do provincial. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/1\\_Jesuitico/ratio%20studiorum.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/1_Jesuitico/ratio%20studiorum.htm)>. Acesso em: 26-03-2013.

SOBREJANO, Gonzalo. *El epíteto em la lirica española*. Madrid: Gre-dos, 1956.

**USO DOS QUADRINHOS EM SALA DE AULA:  
AS ADAPTAÇÕES DE CLÁSSICOS DA LITERATURA  
A NONA ARTE VISITA OS CLÁSSICOS**

*Luciana de Castro Souza* (UEMS)

[luciana\\_castro3@hotmail.com](mailto:luciana_castro3@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**1. Introdução**

A participação social de um indivíduo na sociedade é possibilitada pelo domínio da linguagem. É por meio desta que há comunicação entre membros de uma sociedade, há exposições de pontos de vista, de críticas, constrói-se uma visão de mundo e se produz cultura. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, é imprescindível que haja um projeto educativo que se comprometa com a democratização social e cultural que faça com que a escola tenha a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

Verifica-se, assim, que a responsabilidade da escola é imensa, uma vez que o grau de letramento da comunidade influencia diretamente no uso da linguagem pelo aluno. À escola, portanto, cabe ensinar a interagir por meio da linguagem, capacitando o discente a utilizá-la nas diversas circunstâncias. O professor, por sua vez, precisa desenvolver estratégias para o aprendizado do conhecimento linguístico e discursivo, com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem.

Sobre essa prática discursiva, Bakhtin (1992) afirma que para cada esfera da atividade humana, há tipos relativamente estáveis de enunciados, bem como gêneros que organizam os conhecimentos de determinadas maneiras, associadas às intenções e propósitos dos locutores.

Dessa forma, tendo em vista a necessidade de despertar no aluno a autonomia não só nos estudos de língua portuguesa, mas principalmente na maneira de organizar os enunciados, definir as intenções e propósitos comunicativos, pretende-se nesse artigo apresentar a redescoberta das histórias em quadrinhos e algumas possibilidades de uso em sala de aula. As histórias em quadrinhos, doravante HQs, de vilãs, passaram a protagonistas no ambiente escolar. Isso porque sua estrutura possibilita a leitu-